

PADRÕES DE SEGURANÇA UTILIZADOS PARA EVITAR INFECÇÃO HOSPITALAR A PARTIR DO USO DO BRINQUEDO TERAPÊUTICO

Mayara Alves de Oliveira¹
Ana Paula Franco Pacheco²

¹ Graduando do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Euro americano- Campus Asa Sul, Brasília.

E-mail: may.oliveira09@gmail.com

² Docente nível Doutorado - Centro Universitário Euro-Americano, UNIEURO. Brasília – DF, E-mail:

aninhapacheco@yahoo.com.br

RESUMO: Introdução: O contexto da hospitalização proporciona mudanças significativas no cotidiano da criança, e com isso, se faz necessária a utilização de técnicas que contribuam para um cuidado que atenda suas necessidades. Para isso o profissional de enfermagem pode incorporar o uso do Brinquedo Terapêutico por meio da Sistematização da Assistência de Enfermagem. **Objetivo:** descrever os padrões de segurança utilizados para evitar infecção relacionada à assistência à saúde por meio do brinquedo terapêutico. **Método:** a elaboração deste trabalho foi realizada através de uma revisão bibliográfica narrativa e quanto à amostra foram selecionados artigos a partir do tema de interesse, por meio de leitura criteriosa. Buscou-se selecionar artigos e literaturas relevantes, que permeiam a questão do estudo em se tratando do brincar terapêutico e suas implicações, tendo em vista os riscos acerca das infecções relacionadas à assistência à saúde. **Resultados:** os brinquedos terapêuticos devem ser criteriosamente selecionados considerando o risco de transmissão cruzada, o tipo de material e sua possibilidade de limpeza e desinfecção. **Discussão:** estudos mostram que microrganismos do gênero *Staphylococcus* estavam presentes em brinquedos terapêuticos que foram analisados após a manipulação pela criança. Isso enfatiza a necessidade de se manter o cuidado assistencial relacionado aos mesmos de forma segura e criteriosa. **Conclusão:** o brinquedo deve ser selecionado de forma a permitir um processo de higienização básica, que se dá a partir da limpeza com água e sabão e possam ser desinfetados com álcool a 70%, fazendo parte da rotina de limpeza que é realizada dentro do hospital, incluindo principalmente a lavagem das mãos.

Palavras chaves: brinquedo terapêutico, pediatria, criança, controle de infecção.

INTRODUÇÃO

A doença e a hospitalização constituem crises pelas quais as crianças podem passar durante o seu período de desenvolvimento. O enfrentamento da hospitalização, por sua vez pode impor o afastamento da família e da rotina diária, bem como aos procedimentos invasivos e dolorosos. Nesse contexto, o cuidado à criança deve ser voltado ao atendimento de suas necessidades, aproximando a assistência ao cenário infantil. E nesse sentido pode-se inserir o uso do brinquedo terapêutico. Nessa abordagem, a resolução nº546/2017 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), atualiza a norma para a utilização da técnica do Brinquedo Terapêutico (BT) pela equipe de enfermagem na assistência à criança hospitalizada. Esta técnica terapêutica deve contemplar as etapas do processo de enfermagem, garantido um documento legal sendo este registrado em prontuário (MACHADO et al., 2018; CANÊS et al., 2019,).

Nota-se que dentro das instituições hospitalares, os brinquedos que são de uso compartilhado oferecem risco de infecção às crianças que os manuseiam. E todos que são utilizados no ambiente hospitalar devem ser avaliados quanto à segurança, como por exemplo, bichos de pelúcia, pano e brinquedos com orifícios pequenos devem ser evitados, pela dificuldade de limpeza. Deste modo, todos os cuidados devem ser tomados em relação à higiene e à desinfecção dos mesmos. Essa higienização é obrigatória para a prevenção de contaminações, e devem ser prescritas em normas assim como a seleção de materiais que devem ser utilizados de acordo com as medidas preventivas (EBSERH, 2019).

As Infecções associadas à Assistência à Saúde consistem em eventos adversos, ainda constantes nos serviços de saúde. Sabe-se que a infecção leva a significativa elevação dos gastos ao se cuidar do paciente, além de elevar o tempo de internação, a morbidade e a mortalidade nos serviços de saúde do país. A objeção para prevenir prejuízos aos usuários dos serviços de saúde e infortúnios associados aos cuidados decorrentes de processos ou estruturas da assistência é cada vez maior e, portanto, faz-se necessária a atualização de protocolos específicos de parâmetros diagnósticos e medidas de prevenção para a diminuição das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde – IRAS (ANVISA, 2017).

Se, por um lado, o brincar minimiza o sofrimento no ambiente hospitalar, por outro, o contato com brinquedos manipulados por outras crianças pode facilitar a aquisição de infecções, prolongando o tempo de internação hospitalar (RAMOS, 2014).

O estudo tem como objetivo geral descrever os padrões de segurança utilizados para evitar infecção relacionada à assistência à saúde por meio do brinquedo terapêutico. E como objetivos específicos: caracterizar os tipos de brinquedos indicados no processo terapêutico; descrever os microrganismos frequentemente envolvidos nos processos infecciosos no ambiente hospitalar; conhecer processos de limpeza e desinfecção dos brinquedos e apresentar a ação da enfermagem nesse contexto.

De acordo com o tema descrito, surgiu a seguinte pergunta norteadora deste estudo: Quais padrões devem ser utilizados para que o uso do brinquedo terapêutico não seja um meio de infecção relacionado à assistência à saúde?

MÉTODO

Para a elaboração deste trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa.

A pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em livros, revistas, periódicos e outros. Busca também conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema (SOARES et al., 2018).

Os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever ou discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico e contextual. Constituem, basicamente, da análise da literatura publicada em artigos de revistas impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica do autor (ROTHER, 2007).

A base de dados que foi utilizada como instrumento para a coleta de dados: LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde), SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*), a partir das palavras chaves: brinquedo terapêutico, pediatria, brincar, controle de infecção.

Quanto à amostra foram selecionados artigos a partir do tema de interesse, por meio de leitura criteriosa. Buscou-se selecionar artigos e literaturas relevantes, que permeiam a questão do estudo em se tratando do brincar terapêutico e suas implicações, tendo em vista os riscos acerca das infecções relacionadas à assistência à saúde.

Segundo Galvão (2014) o plágio consiste no apossamento, como se fosse da própria autoria, de resultados ou conclusões de outro autor bem como textos integrais ou de parte substancial de textos alheios sem os cuidados inerentes a cada um como mecanismo autoral. Tendo em vista essa questão dos aspectos éticos em pesquisa, foram realizadas devidamente citações de todo material utilizado, conforme normas da ABNT.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assim como a nutrição, o sono e repouso e as alterações fisiológicas têm grande influência no crescimento, desenvolvimento e promoção da saúde da criança, o brincar faz-se de grande importância nesse processo, tendo em vista o seu valor no desenvolvimento sensorio motor, intelectual, social, criativo e de autoconsciência (DE PAULA et al., 2014; BRASIL, 2014; VEIGA et al., 2016).

De acordo com Caleffi et al. (2016) e Hockenberry (2018) a brincadeira é terapêutica em qualquer faixa etária e, por meio dela as crianças conseguem expressar emoções e liberar impulsos intoleráveis de uma maneira coletivamente aceitável. Além disso o brinquedo tem função terapêutica e por meio do brincar as crianças são capazes de expressar ao observador vigilância as necessidades, os receios e os desejos que não conseguem demonstrar por intermédio suas habilidades restritas de fala.

Nesse contexto, o cuidado à criança deve ser voltado ao atendimento das suas necessidades, com estratégias que favoreçam a comunicação entre os profissionais, família e criança, aproximando a assistência ao cenário infantil. Dessa maneira o profissional de enfermagem pode inserir o brinquedo terapêutico, através da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), durante o período de hospitalização da criança, facilitando a criação de vínculo, ofertando um cuidado humanizado e integral (CANÊZ, 2019).

Considerando a resolução do Conselho Federal de enfermagem (COFEN) nº 0546/2017, artigo primeiro ao terceiro, em que compete à equipe de enfermagem que atua na assistência pediátrica, a utilização da técnica do brinquedo terapêutico, e que quando utilizada a técnica do BT pelo técnico de enfermagem ou auxiliar de enfermagem deve estar prescrita e supervisionada pelo enfermeiro, a técnica ao ser utilizada deve contemplar as etapas do

processo de enfermagem e deve ser devidamente registradas em prontuário, de forma clara, legível, concisa, com data e assinatura do profissional responsável pela sua execução.

Segundo Gomes (2019) e Leite (2012) o BT pode ser classificado de três formas: o brinquedo dramático (BTD), brinquedo instrucional (BTI) e brinquedo capacitador de funções fisiológicas (BTCFF). O BTI tem como finalidade preparar a criança para a hospitalização, dramatizando a situação a ser vivenciada.

O BTD permite a criança a externar seus medos, sentimentos e necessidades através da verbalização das experiências difíceis, de forma a aliviar a tensão, já o BTCFF auxilia a criança no autocuidado, de acordo com a fase de desenvolvimento e as condições físicas, preparando-as para a aceitação da sua atual condição de vida (SOSSELA et al., 2017).

Segundo um estudo publicado em 2019, realizado no estado do Rio de Janeiro, escolhido por possuir um espaço para brincar terapêutico e de grande demanda, sendo incluídas todas as crianças internadas no setor de pediatria, mediante observação dos procedimentos (curativo e punção venosa), demonstra-se uma redução da dor referida pelas crianças em 96,9% dos procedimentos realizados após a utilização do BT e com isso a eficácia do uso do BTI na diminuição da dor durante os procedimentos realizados pela enfermagem nesses pacientes (GOMES et al., 2019).

Hockenberry, Wilson e Roddgers (2018, p. 564) apontam que:

Os pais de crianças hospitalizadas frequentemente perguntam as enfermeiras sobre qual o melhor tipo de brinquedo para trazer para o filho. Embora os pais geralmente queiram comprar brinquedos novos na tentativa de animar ou confortar a criança, muitas vezes, é melhor esperar para trazer coisas novas, especialmente no caso das crianças pequenas. Elas precisam do conforto e da tranquilidade de coisas familiares, como bichos de pelúcia que a criança abraça e leva para a cama à noite. Esses itens familiares são uma ligação com a casa e o mundo fora do hospital. Todos os brinquedos trazidos para o hospital devem ser avaliados quanto à segurança.

Pensando na finalidade de prestar uma assistência à criança que seja plena e transumana, busca-se entrelaçar segurança e qualidade. A segurança do paciente é um componente questionador da qualidade na assistência, ou seja, para oferecer cuidados com qualidade é imprescindível que as instituições de saúde prestem um atendimento seguro (BRASIL, 2017).

A qualidade nos serviços de saúde ligada à questão das Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) é uma temática que continua rememorando atenção no cenário mundial enquanto um sério problema de saúde pública. Trata-se de evento não somente biológico, mas histórico e social, que gera impacto direto na segurança da assistência à saúde, e constitui uma das principais adversidades mundiais para a qualidade dos cuidados em saúde (NOGUEIRA et al., 2014; OLIVEIRA, 2016).

A visão do controle de processos infecciosos na assistência à saúde está presente desde meados do século XIX, de forma empírica e ainda sem conhecimento da teoria microbiana ou de transmissão de doenças infectocontagiosas (OLIVEIRA, 2016).

Por volta de 1865, a enfermeira Florence Nightingale, durante a guerra da Crimeia, inovou introduzindo cuidados básicos aos pacientes, como limpeza do ambiente, cuidados

com a alimentação, separação de pacientes em leitos individuais, além de registros estatísticos das principais causas de óbito, incentivando assim a higiene e defendendo a alegação de que o hospital seria um lugar de promoção da melhoria e restabelecimento do paciente, não um lugar que lhe causasse danos. Especificamente esses episódios, além de estabelecerem medidas precursoras de controle e prevenção de IRAS, também se relacionaram com o princípio de controle de qualidade na assistência à saúde, ao buscar medir e avaliar a ocorrência de fenômenos (PADILHA et al., 2005; OLIVEIRA, 2016).

Em uma pesquisa realizada na brinquedoteca do hospital Universitário de Taubaté-SP, foi realizado um levantamento após a utilização de todos os brinquedos utilizados pelas crianças. Foram incluídos brinquedos de plástico, madeira, tecido e borracha. Após a utilização dos brinquedos, foi realizada a coleta do material para análise de toda sua superfície de contato, através de swabs umedecidos em 1mL de solução fisiológica esterilizada. Entretanto de um universo amostral de 60 brinquedos, 52 (87%) apresentaram positividade para bactérias do gênero *Staphylococcus*, sendo que os brinquedos de plásticos foram os mais contaminados, com média de 420 unidades formadoras de colônia por mL (ufc/mL) de solução, seguidos pelos brinquedos de borracha, com 380 ufc/mL, e de madeira, com 260 ufc/mL. Os brinquedos de tecido apresentaram menor contaminação, entre as espécies do gênero *Staphylococcus*, observou-se maior prevalência de *Staphylococcus coagulase negativa*, seguido por *Staphylococcus aureus*. Outras espécies coagulase positiva também foram isolados, entretanto em menor proporção (BORETTI et al., 2014).

Entretanto, em outra pesquisa realizada em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) neonatal, com brinquedos de pano trazidos pelos pais para serem deixados na incubadora, a higienização do brinquedo era realizada pelos pais no domicílio de acordo com protocolo da UTI, que consistia na lavagem com água a 40°C e sabão em máquina doméstica, aplicação de produto desinfetante não especificado e secagem em máquina doméstica. Amostras colhidas das superfícies desses brinquedos mostraram presença principalmente de *Staphylococcus coagulase negativa* e o estudo concluiu que brinquedos não devam ser utilizados em incubadoras (BLASI, 2016).

As crianças a depender da sua faixa etária, não estão aptos ou não são estimuladas e orientadas a realizar a higienização das mãos sozinhas de forma adequada. Em se tratando da capacidade intelectual evolutiva destes indivíduos, em geral, ainda não conseguem perceber quais riscos estão envolvidos ao manipular, levar a boca e compartilhar esses objetos com outras crianças. Assim tendem a contribuir para o processo de transmissão de microrganismos por meio do BT, que, por sua vez, se torna um depósito de agente patogênico, ocasionando doenças, na maioria das vezes com introdução por via oral, como gastroenterites e dermatites.

É imprescindível o estabelecimento de medidas de limpeza e desinfecção dos brinquedos em ambiente hospitalar, visto que as bactérias do gênero *Staphylococcus*, estão presentes na maioria das infecções adquiridas no meio hospitalar, como por exemplo, a pneumonia nosocomial.

Considerando o risco de infecção e com intuito de minimiza-lo, o brinquedo necessita de limpeza e desinfecção. Esse processo deve ser realizado imediatamente e separado em um contêiner rotulado previamente, separado dos brinquedos que já estão limpos e prontos para uso. Os de uso comum em ambientes de internação e ambulatoriais necessitam de limpeza semanal ou quando estão visivelmente sujos. Aqueles no qual são utilizados para testes precisam ser limpos após cada uso e brinquedos utilizados em áreas de isolamento têm de ser

desinfetados, com o desinfetante aprovado pelo hospital, antes de retornarem para uma área de armazenagem central (BOWDEN et al., 2019).

Um relato de experiência de alunas de graduação em enfermagem, na criação de um protocolo de higienização para uma brinquedoteca hospitalar, orientou a lavagem dos brinquedos com água e sabão, ao final do período de trabalho, com posterior aplicação de ácido peracético 0,5%. Os brinquedos limpos deveriam ficar separados dos sujos em caixas plásticas fechadas e cuidados como higienização das mãos e orientação dos acompanhantes também deveriam ser reforçado (GESSNER, 2013; BLASI, 2016).

Para limpeza de revistas e livros, estudo aponta que não são necessárias precauções especiais. Caso estes itens estejam visivelmente sujos, devem ser descartados. (BOWDEN et al., 2019). No entanto, Gessner (2013), entende que livros e revistas presentes no ambiente de internação pediátrica também deverão passar por medidas que diminuam o potencial de tornarem-se um veículo de transmissão de infecções. Dessa forma, necessita-se que sejam manuseados com as mãos higienizadas e suas capas deverão ser encapadas com material plástico, a fim de permitir a desinfecção, com ácido peracético 0,5%.

Qualquer que seja o processo a ser submetido um determinado artigo, a primeira etapa, que garantirá a eficácia do mesmo, é a limpeza. Portanto para este procedimento pode-se citar: detergente neutro para limpeza manual; detergente para a limpeza (pouca espuma) em casos de se utilizar máquina de lavar; detergente enzimático, cujas enzimas facilitam a remoção de sujidade e ação mecânica, não danifica, são atóxicas, biodegradáveis, de fácil manipulação e reduzem os riscos ocupacionais. No processo de desinfecção, os métodos indicados são: físico: uso de termo desinfecção (temperatura de 63° a 95° C por 10 a 30 minutos) e químico: uso de solução germicida através da imersão (hipoclorito de sódio) ou fricção (CRUZ et al., 2017).

As recomendações do *Centers for Diseases Control and Prevention* (CDC), em relação aos cuidados com os brinquedos são: lavar e desinfetar os brinquedos entre os usos; se o brinquedo não puder ser lavado, não é apropriado para a utilização em instituições de saúde. No final das brincadeiras: colocar em local reservado para brinquedos sujos, higienizá-los e retorná-los posteriormente à brinquedoteca; estabelecer uma rotina de higienização e armazenamento dos brinquedos; aqueles cuja composição seja de plástico rígido: escovar com água e sabão e enxaguar em água limpa; imergir em solução de hipoclorito (1:10) por 10 a 20 minutos; remover e enxaguar em água fria e secar. Limpeza de bolas e equipamentos plásticos: realizar limpeza com água e detergente neutro, enxaguar com água, fazer desinfecção com álcool 70% (CRUZ et al., 2017).

O *California Child Care Health Program* recomenda que bebês e crianças pequenas não compartilhem brinquedos. E que os brinquedos levados à boca pelas crianças sejam lavados e desinfetados entre os usos. Para lavar e desinfetar um brinquedo de plástico rígido, o programa sugere que o brinquedo seja esfregado em água morna e sabão, e que se utilize um pincel para alcançar as fendas. Após lavar em água limpa, o brinquedo deverá ser colocado em solução de água sanitária e deixado de molho na solução por 10-20 minutos. Posteriormente, o brinquedo deverá ser removido da solução aquosa e lavado em água fria; crianças que usam fraldas devem ter apenas brinquedos laváveis; brinquedos e equipamentos utilizados por crianças mais velhas e não levados à boca devem ser limpos semanalmente ou quando sujos, com água e sabão. Nenhuma desinfecção é necessária, segundo o órgão (FURQUIM; MEDINA 2014).

Para evitar a veiculação de microrganismos por meio dos brinquedos, deve-se adotar uma rotina de higienização como os presentes nas unidades hospitalares. Para isso, devem ser

escolhidos os brinquedos cuja composição permita uma limpeza com água e sabão (plástico, borracha, acrílico e metal), que sejam atóxicos e que possam ser desinfetados com álcool a 70% sem danificá-los (BRASIL, 2005; BORETTI 2014).

Estudos apontam que ainda que se utilizem outros produtos para descolonização dos brinquedos e superfícies como o ácido peracético 0,5%, clorexidina 4%, água a 60°C e detergente enzimático, destaca-se a utilização de água, sabão e álcool a 70% (BLASI et al., 2016).

A equipe deve estar muito atenta à higienização do ambiente, este deve ser limpo e desinfetado com frequência, e os brinquedos sempre lavados. É importante ressaltar que alguns não são apropriados, e que todos os frequentadores da brinquedoteca devem higienizar as mãos antes e depois de manipular os objetos e brinquedos (RAMOS, 2014; SANTOS, 2019).

É fato que a escolha dos brinquedos que possam ser lavados, aliado às rotinas básicas de limpeza e desinfecção destes artigos e os demais presentes no ambiente hospitalar, possibilita um maior controle de infecção. E não se pode negligenciar a lavagem das mãos das crianças, que por sua vez, ainda não possuem o domínio capaz de atribuir higiene à saúde.

Os critérios de seleção descritos por Bowden e Greenberg (2019), quanto à distribuição: os brinquedos devem ser seguros e apropriados para idade, podendo ser limpos com facilidade (plástico e não porosos), brinquedos de pelúcia não são permitidos. Se a criança precisa ficar com seu brinquedo de pelúcia, ele deve ser identificado com o seu nome, ser utilizado somente por ela e deve ser levado pela criança ou descartado quando a mesma receber alta. Brinquedos de pelúcia localizados em áreas comuns, como salas de espera e quartos, utilizados como decoração ou presos a flores ou balões não são permitidos. Itens levados para área de isolamento devem permanecer com a criança durante toda a hospitalização. Lactentes e crianças mais novas não devem compartilhar brinquedos em razão do risco de compartilhamento de germes depois que os brinquedos são levados à boca. Todos os brinquedos do hospital devem ter rótulos de propriedade. Estes rótulos informam que o brinquedo pertence a uma determinada criança ou que é propriedade do hospital.

Quanto à armazenagem, os brinquedos devem ser acondicionados em uma área que seja acessível para a equipe de saúde, brinquedos higienizados deverão ser acondicionados em caixas apropriadas, separando os limpos dos que já outrora foram utilizados (GESSNER, 2013; BLASI 2016; BOWDEN et al., 2019).

É necessário, portanto, que os brinquedos, conforme definido pela comissão de controle de infecção do hospital (CCIH), atendendo a portaria N° 2.261, de 23 de novembro de 2005, sejam separados adequadamente. E que uma rotina da instituição deve ser estabelecida, garantindo a periodicidade da limpeza e desinfecção dos brinquedos. E os utensílios que vão para o leito não devem ser misturados com os da brinquedoteca e devem ser limpos com todo cuidado, pois pacientes hospitalizados já têm uma baixa resistência e imunidade e podem se contaminar e adquirir algum outro tipo de infecção com maior facilidade (COSTA et al., 2012; OLIVEIRA et al., 2016).

Diante dos apontamentos, Berté, et al. (2017), Lemos, et al. (2016) e Malaquias, et al. (2014) concluem que os profissionais de enfermagem consideram o brincar importante no tratamento e recuperação da criança hospitalizada. E percebe-se a falta de um conhecimento mais consistente sobre o brinquedo, suas aplicações, finalidades e vantagens, por parte dos técnicos e enfermeiros, assim como uma escassez de incentivo a sua utilização.

CONCLUSÃO

Utilizando este recurso de maneira a garantir uma assistência potencialmente segura e humanizada. O brinquedo terapêutico é visto de forma eficiente em todos os estudos selecionados, perante os conflitos existentes no contexto em que a criança se encontra no período de hospitalização, ajudando a proporcionar um cuidado integral e estabelecendo criação de vínculo entre o infante, sua família e a equipe de enfermagem.

É possível concluir que o brinquedo deve ser selecionado de forma a permitir um processo de higienização básica, que se dá a partir da limpeza com água e sabão e possam ser desinfetados com álcool a 70%, fazendo parte da rotina de limpeza que é realizada dentro do hospital, incluindo principalmente a lavagem das mãos. O enfermeiro, por sua vez, tem papel importante nesse contexto por estar amparado por legislação e pode incluir esse cuidado através do processo de enfermagem.

A principal limitação deste estudo foi encontrar pesquisas atuais que descrevam avaliações de colônias bacterianas e demais microrganismos através de análises laboratoriais, encontrados nos brinquedos que comumente são utilizados no ambiente hospitalar. Em se tratando da relevância do tema brincar em ambiente hospitalar, sugere-se buscar mais estudos que contribuam para melhor qualidade e segurança na assistência à saúde da criança e descrever padrões para evitar infecção relacionadas ao BT, de maneira que ele não seja excluído das unidades pediátricas no ambiente hospitalar.

REFERÊNCIAS

- BERTÉ, Caroline. *et al.* Brinquedo terapêutico no contexto da Emergência Pediátrica. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 31, n. 3, p. 1-10, 2017.
- BLASI, Débora Guedelha; DIB, Regina Paolucci El; CORREA, Ione. Efetividade da higienização de brinquedos infantis na redução microbiana: revisão sistemática da literatura. **Visa em debate**, v. 3, n. 4, p. 96-101, 2016. Disponível em: <http://visaemdebate.incqs.fiocruz.br>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- BOWDEN, Vicky R.; GREENBERG, Cindy Smith; **Procedimentos de Enfermagem Pediátrica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019. p. 577-579.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Medidas de Prevenção de Infecção Relacionada à Assistência à Saúde**. Brasília: Anvisa, 2017.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Pediatria: prevenção e controle de infecção hospitalar/ Ministério da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco / Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria N° 2.261, de 23 de novembro de 2005. **Aprova o regulamento que estabelece as diretrizes de instalação e funcionamento das brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. Disponível em:

bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2005/prt2261_23_11_2005.html. Acesso em: 26 mai. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.** Diário Oficial da União. Brasília, março de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm. Acesso em: 03 jun. 2020.

CALEFFI, Camila Cristina Ferreira. *et al.* Contribuição do brinquedo terapêutico estruturado em um modelo de cuidado para crianças hospitalizadas. **Revista Gaúcha de Enfermagem:** subtítulo da revista, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 1-8, jan. /2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000200409. Acesso em: jun. 2020.

CANÊZ, Juliana Bordoni. *et al.* O brinquedo terapêutico no cuidado de enfermagem à criança hospitalizada. **Enfermagem Atual**, v. 88, n. 26, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/129/437>. Acesso em: 5 mai. 2020.

CHADI, Paula Fernandes. *et al.* Avaliação dos Procedimentos de higienização dos Brinquedos Infantis e das Brinquedotecas Nacionais. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 2, p. 296-305, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/1728>. Acesso em: 14 fev. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução Cofen nº 421, de 15 de fevereiro de 2012.** Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05462017_52036.html. Acesso em: 5 jun. 2020.

COSTA, Jucimara Firmo Barreto. *et al.* Estudo da resistência dos brinquedos de pano aos processos de higienização hospitalar e eficiência destes métodos para retirada dos micro-organismos: subtítulo do artigo. **Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, v. 57, n. 2, p. 67-72, 2012. Disponível em: <http://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/284>. Acesso em: 3 jun. 2020.

CRUZ, Renata Fiuza; SANTOS, Karla A. Faria; SOUZA, Rodrigo Daniel de. **Instrução de Trabalho de procedimentos e condutas para prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde 2017/2019.** Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG. 2017.

DE PAULA, Nisley Martins; COSTA, Edwaldo. Brinquedoteca Hospitalar e a Importância da Higienização dos Brinquedos. **SCIAS**, v. 3, n. 3, p. 51-65, 2014. Disponível em: <http://revista.uemg.br/index.php/SCIAS/article/view/589/pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

EMPRESA BRASILEIRA DE SERVIÇOS HOSPITALARES. **Boletim de Serviço Nº 256, 21 de maio de 2019.** Disponível em: http://www2.ebserh.gov.br/documents/17082/3743136/BS_256_humap_21_05_+2019.pdf/8083fcad-627e-418b-878b-f89d60b4dee2. Acesso em: 5 jun. 2020.

FURQUIM, Fabiana Cristina; MEDINA, Loriane Tsgliari. Identificação de Staphylococcus e Enterobactérias em Brinquedos de uma Creche em Mato Grosso, Brasil. **UNOPAR**, v. 17, n. 3, p. 181-188, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17921/2447-8938.2015v17n3p%25p>. Acesso em: 5 mai. 2020.

- GALVÃO, Marli Teresinha Gimenez. Plágio na construção de trabalhos científicos. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 15, n. 2, p. 187-188, /2014. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/3116>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- GESSNER, Rafaela. *et al.* Protocolo de Desinfecção de Brinquedos em Unidade de Internação Pediátrica: Vivência Acadêmica de Enfermagem. **Ciência Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 184-188, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencucidsaude.v12i1.15053>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- GOMES, Ana Carolina de Almeida. *et al.* Brinquedo terapêutico no alívio da dor em crianças hospitalizadas. **Revista Perspectivas Online: Biológicas & Saúde**, v. 9, n. 29, p. 33-42, 2019. Disponível em: http://ojs3.perspectivasonline.com.br/index.php/biologicas_e_saude/article/view/1717. Acesso e: 20 mar. 2020.
- HOCKENBERRY, Marilyn J.; RODGERS, Cheryl C.; **Fundamentos de Enfermagem Pediátrica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018. p. 558-573.
- LEITE, Tânia Maria Coelho. *et al.* Brinquedo terapêutico na educação infantil: um aliado indispensável: subtítulo do artigo. **Revista da Sociedade Brasileira Enfermagem Pediátrica**, v. 12, n. 2, p. 10-112, 2012. Disponível em: <https://sobep.org.br/revista/component/zine/article/157-brinquedo-terapeutico-na-educacao-infantil-um-aliado-indispensavel.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- LEMOS, Izabel Cristina Santiago. *et al.* Brinquedo terapêutico no procedimento de punção venosa: estratégia para reduzir alterações comportamentais. **Revista Cuidarte**, v. 7, n. 1, p. 1163-1170, 2016. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S2216-09732016000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 3 jun. 2020.
- MALAQUIAS, Tatiana da Silva Melo. *et al.* O Uso do Brinquedo Durante a Hospitalização Infantil: Saberes e Práticas da Equipe de Enfermagem. **Ciência Cuidado e Saúde**, v. 13, n. 1, p. 97-103, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/21802>. Acesso em: 25 mar. 2020.
- NOGUEIRA, Cassimiro; PADOVEZE, Maria Clara; LACERDA, Rúbia Aparecida. Sistemas governamentais de vigilância de infecções relacionadas à Assistência à Saúde no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 4, p. 656-661, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000400012>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- OLIVEIRA, Éllen Fuga de; SILVA, Verônica Meiri da; FANTACINI, Renata Andrea Fernandes. Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares. **Research: Society and Development**, v.1, n.1, p.2525-3409, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/5606/560658988006/560658988006.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.
- OLIVEIRA, Hadelândia Milon de; SILVA, Cristiane Pavanello Rodrigues; LACERDA, Rúbia Aparecida. Políticas de controle e prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde no Brasil: análise conceitual. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. v. 50, n. 3, p. 505-511, 2016. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v50n3/pt_0080-6234-reeusp-50-03-0505.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.
- PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nigthingale e as irmãs de caridade Florence Nigthingale e as irmãs de caridade: revisitando a história. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 6, p. 723-726, 2005. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672005000600018&lng=en. Acesso em: 10 jun. 2020.

RAMOS, Sonia Regina Testa da Silva. Brinquedos em brinquedotecas como uma fonte de microrganismos patogênicos para as infecções hospitalares: subtítulo do artigo. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 32, n. 3, p. 149-150, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822014000300149. Acesso em: fev. 2020.

ROTHGER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa: subtítulo do artigo. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. 2-3, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 1 fev. 2020.

SANTOS, Monique Spindolla Mexias dos; CRAHIM, Suely Cristina de Souza Fernandes. A importância da Brinquedoteca no Ambiente Hospitalar. **Revista Mosaico**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 11-15, 2019. Disponível em:

<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1780>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SILVA, S. G. T. D. et al. Influência do Brinquedo Terapêutico na ansiedade de crianças escolares hospitalizadas: Ensaio clínico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 1, n. 6, p. 1314-1319, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0353>. Acesso em: 24 mai. 2020.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Bibliométrica, Artigo de Revisão e Ensaio Teórico em Administração e Contabilidade: subtítulo do artigo. **RAEP: Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 21-42, 2018. Disponível em:

<https://raep.emnuvens.com.br/raep/article/view/970>. Acesso em: 29 mar. 2020.

SOSSELA, Cláudia Roberta; SAGER, Fábio. A Criança e o Brinquedo no Contexto Hospitalar. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 20, n.1, p.17-31, jun./2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582017000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 jun. 2020.

SOUZA, Luís Paulo. *et al.* O Brinquedo Terapêutico e o Lúdico na Visão da Equipe de Enfermagem. **Journal of the Health Sciences Institute**, São Paulo, v. 30, n. 4, p. 354-358, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-673913>. Acesso: 20 mar. 2020.

VEIGA, Manuela Azevedo; SOUZA, Milena Carvalho; PEREIRA, Rebeca Souza.

Enfermagem e o Brinquedo terapêutico: Vantagens do uso e dificuldades. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**, v. 3, n. 3, p. 30-66, 2016. Disponível em: <http://atualizarevista.com.br/wp-content/uploads/2016/01/Enfermagem-e-o-brinquedo-terap%C3%AAAutico-vantagens-do-uso-e-dificuldades-v-3-n-3.pdf>. Acesso em: 5 mai. 2020.